

ÉTICA COMO ATITUDE PEDAGÓGICA NA ESCOLA

Alexandre Ari Monich

Faculdade Cenecista de Joinville¹

aamonich@fcj.com.br

RESUMO. Os discursos são frutos históricos. A reflexão sobre a educação ética na escola exige que sejam apresentados também o cenário, o enredo e os desejos que a subscrevem. Ou seja, fala-se a partir de um ponto de vista. Para que o texto seja compreendido, o leitor precisa conhecer tanto os resultados como os caminhos percorridos, a fim de que compreenda também a poeira, os odores, e os fantasmas que motivaram o discurso.

Palavras-chave: Ética; escola; atitude; violência; manutenção.

ABSTRACT. The discourses are historic results. The reflexion about ethics education at school requires that the scenario, the plot and the wishes that subscribe them are also presented. That is, one speaks from a point of view. Due to the text is comprehensible, the reader needs to know as much the results as the covered ways, as a result of that someone understands the dust, the smells, and the ghosts that motivated the discourse.

Key-words: ethics; school; attitude; violence; maintenance.

Primeira Cena – apresentação de cenário

Vivemos sob o jugo do Império do consumo, do individualismo e do prazer. Tal Império ergue-se por meio da ilusão da razão como poder à onisciência, do capital enquanto acesso à onipotência e do fim da dor como promessa. O novo governo, assim como se comportavam os deuses do passado e alguns felinos quando se tornam dominantes, destronou e aniquilou os antigos líderes: a família, a

¹ Também membro do Grupo de Pesquisa EDUCOGITANS, do PPGE/ME da FURB.

Escola e o Estado. O Novo Império exige obediência cega ao livre-mercado, ao trabalho como forma de acúmulo de capital, e o prazer imediato como princípio de relação.

Na Carta Magna desse novo Império está implicitamente escrito: tudo e todos são mercadorias. Tudo está à venda! A compra e a permuta tornaram-se o meio predominante de relação entre as mercadorias. Compra-se pessoas, o prazer, a liberdade, a independência. Os pais negociam com os filhos as tarefas diárias, as obrigações, e até mesmo aquilo que lhes causa prazer. Por isso, a ilusão produzida causa tragicomédias. Os pais julgam comprarem a educação, os serviços dos professores e a escola. Os alunos acreditam comprarem o conhecimento através do plágio, do trabalho pronto, do mandar fazer, do exigir recuperação. Como resultado, banalizou-se a corrupção, o crime e a indecência.

No Código Imperial tudo e todos estão a serviço do prazer imediato. Ou ainda melhor, só se deve fazer aquilo que produz prazer imediato. Como consequência, há pouco espaço para companheirismo, amor e compromisso. A relação é medida pelo prazer. Autoriza-se o sexo como mercadoria e como meio de acesso ao prazer individual. Compra-se prazer, uma vez que se pode vender o corpo, usar o corpo. Cada vez mais o corpo físico é inclusive dispensável nesse tipo de comércio. O sexo transformado em fetiche e voltado à satisfação do indivíduo passa a ser organizado por meio de brinquedos e ou fantasias virtuais. O compromisso sexual por não gerar prazer imediato é cada vez menos interessante, proporcionando o aumento do mercado sexual e do o turismo sexual.

Surgem novas cenas tragicômicas. A satisfação imediata incompatibiliza-se com o prazer mediado. A pressa e a ânsia exigem uma relação não mais como brincadeira, mas apenas com o brinquedo. O outro não é alguém com quem me encontro, encanto e desencanto, alguém com o qual me relaciono. O outro é um brinquedo com o qual me divirto, um objeto a meu serviço.

Esse mesmo princípio se aplica à escola, à educação. As relações passam a estarem norteadas pela ilusão comercial e pela ilusão do prazer. Por exemplo, cada vez mais os cursos devem ser de curta duração. Menos estudo e pesquisa e cada vez mais ensino, ou seja, paga-se pelo ensino, assim como pelo prazer. O outro, o professor-brinquedo, está aí para meu prazer e ganho por meio da permuta de

capital. No ensino superior essa relação é ainda mais visível. Houve uma subversão, tornando-se um lugar de ensino ao invés de pesquisa, problematização e inovação.

A educação está cada vez menos associada ao esforço da pesquisa, investigação, problematização e cada vez menos um lugar de mérito coletivo. As relações ilusórias levam a confundir informação com habilidade e competência. Por exemplo, tarefa de casa, pesquisa, estudo tem pouco valor, pois não se compatibilizam com o princípio do prazer imediato. Interessa é a nota. O aluno espera o resultado da nota e pergunta: “quanto tirei?” O valor do saber está associado ao resultado que o outro (o professor) atribui e não ao processo que se constituiu. A relação mercadológica seduziu e inverteu as relações pedagógicas. O saber deixou de ser uma ação social e passou a ser uma relação comercial de troca, vantagens e retribuições, mantendo-se num princípio escravocrata, no qual o escravo não sabe o valor que o senhor há de atribuir ao serviço realizado.

Tudo foi posto a serviço do indivíduo. Produtos e serviços têm como alvo o indivíduo e sua satisfação. Por isso as instituições coletivas estão em descrédito. A educação não é mais um meio de se atingir a maturidade da humanidade, assumindo o dever coletivo, mas apenas um meio para se alcançar o capital, o Bem com o qual tudo pode ser barganhado. A competição é a legitimação do sistema de exploração, através da qual a consciência é enganada. Os perdedores recebem a pobreza e a miséria, pois não fizeram jus aos benefícios proporcionados pelo capital.

Cenas hilárias são produzidas. A comunidade em rede e o trabalho coletivo são discursos esquizofrênicos ante o apelo do “cada um por si”. Na escola as carteiras individuais sinalizam uma prática pedagógica, a qual tornou o sujeito refém de si e concorrente do outro. Por outro lado, a cola e o plágio são pragas que infestam a escola. E ainda assim o trabalho em equipe é uma das atividades mais difícil de ser executada. Entende-se por trabalho em equipe, na maioria absoluta das vezes, um trabalho no qual cada um faz uma parte. O indivíduo fez da comunidade seu concorrente, escravo e inimigo.

Talvez esse tipo de educação produza no fim apenas “loucos”, totalmente desconfiados de tudo e de todos, sujeitos com mania de perseguição, como o Dr. Simão Bacamarte, o Grande Alienista, descrito por Machado de Assis.

Segunda Cena – apresentação do enredo

A ética resulta do encontro. Apenas a vida social justifica a elaboração ética. Dessa forma é possível afirmar que a ética irrompe da defrontação entre o “eu e tu”, ou ainda entre o eu e o outro.

A criança ensaia, através da brincadeira com o brinquedo, a sua inserção social. Ela copia, simula e elabora o social através de um duplo em si mesma. Por meio do solilóquio a criança faz de si uma sociedade na qual é possível uma vida diferente da solidão. Rompe com a individualidade no mesmo tempo que vai tornando-se indivíduo. A manutenção da relação estabelecida cria a tensão de se manter o duplo. Dessa tensão surge ou a violência, destruição do outro ou a ética, manutenção do outro.

O outro surge como resultado do desejo. Ele é primeiramente confundido com o eu, posteriormente evocado por este. Ao diferenciar-se do outro, o eu articula uma forma de relacionar-se com ele. Esse outro não sou eu, nem está aí para mim, também não está aí sobre mim, nem mesmo por mim indiferente. Ou seja, a diferenciação entre o eu e o outro produz o fim da indiferença social. O outro me afeta, deixa de ser brinquedo, objeto, para torna-se parte da brincadeira, sujeito. Desse encontro pode surgir a conjugação nós, como sinal de tensão de permanência através do desejo de suportar o outro, ou ainda a conjugação eu e aquele como sinal de rivalidade, manifestando o desejo de aniquilação.

Emmanuel Lévinas (FREIRE; MOREIRA, 2007) reconhece que oferecemos à visita do outro o que dele usurpamos, de que para com ele temos desde sempre uma dívida irresgatável. O Outro, o *estrangeiro*, sempre será estranho, mesmo aquele que habita dentro de nós mesmos – o outro (de mim ou de outrem). Ser sujeito, portanto, é já ser subjogado ao outro. Jugo do Outro que me obseda, que me persegue, que me intima, que me exige e que me domina. Esta abertura ao *Outro*, mesmo significando uma responsabilidade radical para com o próximo, não é fruto de uma intencionalidade, mas de uma sensibilidade onde o eu deixa-se impactar pelo estranho, pelo externo, pela alteridade – e torna-se refém do Outro.

O terreno da ética nasce dessa tensão entre seres que se estranham e ao mesmo instante insistem em manterem-se próximos. Desse desejo e dessa possibilidade de convívio irrompe a civilidade como oposição a barbárie. Aqui talvez

fosse necessário acompanhar as proposições de Adorno e Horkheimer. Para eles, barbárie é algo muito simples. Mesmo estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas ainda se encontram atrasadas em relação à própria civilização. Não se trata apenas de uma linha formativa nos termos do conceito de civilização, mas particularmente por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo. Usando os termos psicanalíticos diríamos tomados pelo impulso de morte, de destruição.

É a partir disso que podemos conceber o bárbaro como aquele que submete o Outro à violência – qualquer que seja a sua expressão: física, psicológica ou simbólica. A barbárie em Adorno irá revelar-se tanto em uma percepção micrológica quanto em uma visão macro dos processos políticos e sociais. Ao lado do pogrom e de Auschwitz, teremos também o mundo em que “as grandes injustiças estão nos pequenos detalhes”; a miséria, o inferno e o mal presentes no particular.

A abordagem de conceito simples de barbárie aproxima-se da tradição judaico-cristã. O outro aqui é o próximo, aquele com o qual tenho um compromisso de compaixão. Uma compaixão que funda uma ética de relacionamento.

Isaías (58:7-8;10) é um exemplo:

Repartir o pão com o faminto, acolher em tua casa os pobres sem abrigo, vestir os desnudos e não desdenhar teu semelhante. Então tua luz romperá como a aurora e tua ferida logo se curará; tua justiça andarás diante de ti. [...] Se deres pão ao faminto e saciares a fome torturante, tua luz se erguerá nas trevas E tua sombra se tornará meio-dia.

Daí decorre um conceito além de uma atitude. Todo ato de cuidado e de sustentação do outro pode ser considerado um bem. Já todo ato que fere a ética do outro, o aniquilando é ato perverso. Contudo isso não é martírio. Aqui é necessário seguir o discurso de Maturana: “sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, e sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social” (MATURANA, 1998, p. 31). A ética é sempre um fenômeno, um construto social.

Portanto, a ética é principalmente resultado da dúvida, surpresa e espanto gerados pelo encontro e evocação do outro. A ética nasce do desejo de manutenção do outro, sem o aniquilamento de si. Ela não é uma abstração teleológica ou

transcendental, antes é a sustentação vital, física e simbólica do sujeito coletivo. Daí que é também a superação do impulso de destruição, competição e aniquilamento do outro. Por isso ética é resultada da cultura, da educação do sujeito que se deseja.

O texto – a educação ética na escola

O humano é um ser complexo e dinâmico. Ele se educa no convívio com os outros, em diferentes espaços sociais. Assim, a escola não se constitui no principal agente formador do caráter e da preparação para a cidadania. Por outro lado, até mesmo a educação ética precisa ser ética. Ou seja, a educação também pode ser antiética, ou, como estamos preferindo definir, pode ser perversa, gerando aniquilamento do outro.

No Brasil o grande arauto da necessidade ética da educação foi Paulo Freire. Para ele a educação pode ser bancária, ou seja, uma educação que desconsidera o outro e lhe faz agente passivo da educação. A educação também pode ser libertadora, baseada no respeito e consideração do outro como sujeito da educação. Tal reflexão sugere que os agentes escolares precisam ser mediados pela constante vigília epistemológica, assim como descrita por Gaston Bachelard.

A ética enquanto vigília reflexiva é descrita nos Parâmetros Curriculares Nacionais, documento norteador da educação formal brasileira.

A ética é um eterno pensar, refletir, construir. E, na escola, sua presença deve contribuir para que os alunos possam tomar parte nessa construção, serem livres e autônomos para pensar e julgar, para problematizar constantemente o viver pessoal e coletivo, fazendo o exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 24).

A escola é compreendida, quase sempre, como um conjunto de disciplinas que ensinam conteúdos. Esse falso conceito legitima e fortalece a atitude e compreensão de divisão e hierarquização dos saberes. Aquele que ensina, o professor, é o sujeito da educação. Aquele que aprende, o aluno, por sua vez, é o objeto da educação. Nesse cenário não há conflito, nem dissenso, nem reflexão, apenas verdades que devem ser consagradas.

A educação precisa primeiramente ser ética, para só então dar-se ao direito de interferir na educação da ética. Isso quer dizer que a ética não pode ser um

conteúdo na escola. Ela precisa ser primeiramente uma atitude. Aqui atitude diferencia-se de ato, como já descreveu Leonardo Boff. “O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 1999, p.33). Portanto, a ética não pode ser apenas um conteúdo da educação, ou seja, um ato, mas precisa ser um elemento organizador, mediador e, ao mesmo tempo, um fim educativo, portanto deve ser uma atitude pedagógica.

A educação ética resulta em atitude e não apenas em conhecimento. Uma atitude ética que mantém o outro pelo desejo exige que o aluno aprenda a conviver. Esse é um dos quatro pilares na educação atual, conforme proposto pela UNESCO, por meio do relatório de Jacques Delors: saber conhecer, saber fazer, saber ser, saber conviver.

A educação ética exige a construção de elementos que a façam emergir e ser suportada. Josep Puig defende que "o aluno precisa aprender a conviver, a criar vínculo, a participar, a fazer parte de uma coletividade e isso não é possível se não houver uma relação de afeto e diálogo entre ele e o professor". A progressão aritmética levará a compreender que a atitude ética media e sustenta a educação ética. Portanto os demais agentes sociais são igualmente responsáveis pela sustentabilidade da ética que se pretende difundir apreender.

A atitude ética é mais que conteúdo pedagógico. Ela é um bem, um valor. Dessa forma exige compromisso de manutenção. Assim a ética fundada no desejo de manutenção do outro para além da violência e aniquilamento do outro produz uma atitude condizente, a qual se sustenta pelo desejo, mas também pela manutenção do ideal, do bem.

A manutenção do bem se dá pelo compromisso com esse bem. O compromisso por sua vez se funda ora pelo mérito ora pelo demérito. Ou seja, a ética é a manutenção da tensão entre o aniquilamento e a manutenção do outro. Ao definir-se pela manutenção do outro, estabelece-se o bem. A quebra do bem faz irromper o não desejado, o proibido. Sem o medo do mal, a manutenção da ética se enfraquece. Entretanto a educação pelo medo quebra a ética, na medida em que

violenta a outro, obrigando-o a fazer o que se exige. Assim o medo é substituído pelo demérito, ou seja, pela vergonha.

Educar para a ética é estabelecer a ética como valor e o mérito como resultado. Já o contrário vale igualmente. Não há ética sem a evidência da vergonha como resultado da atitude antiética. Para Ulisses Araújo quando a criança tem consciência do que são valores e ética, ela passa a se envergonhar ao agir contra esses valores. Pode-se perceber que os valores foram introduzidos em sua vida, também por causa dessa reação. Por outro lado, quando uma pessoa que não teve os valores introduzidos em sua vida, ela consegue trapacear ou pode matar, por exemplo, sem nada sentir. Esse é um processo que depende muito da interação social e do que foi ensinado sobre viver em sociedade a essa pessoa.

A vergonha, contudo, não é um valor ético. Por isso não vale envergonhar. Fere-se, mais uma vez, a ética pelo aniquilamento quando se usa da violência moral pelo constrangimento. A vergonha é um sentimento que nasce da distância entre o que se deseja ser e o que se é e não um imperativo moral daquilo que se exige que o outro seja.

A educação da ética dá-se pela educação ética. A educação não pode ser um conteúdo a ser ensinado e aprendido. Antes é a defesa dos valores sociais. Educar é possibilitar a convivência mediada pela ética do desejo da manutenção do outro, contra o impulso violento e destrutivo, ou seja, o aniquilamento do outro.

A problematização da educação ética

O Império do consumo, do individualismo e do prazer vive da ilusão da razão, do capital e do fim da dor. Além de destronar os antigos líderes iludiu o indivíduo a reconhecer-se como seu próprio imperador, exigindo em troca a obediência ao livre-mercado, ao trabalho como forma de acúmulo de capital, e a satisfação como princípio de relação.

A educação resulta da cultura, anseio e também dos fantasmas da sociedade. O contexto social interfere e condiciona a educação. A sociedade do consumo, do individualismo e do prazer conflita com a ética do desejo da manutenção do outro. Da mesma forma o hedonismo impede o estabelecimento da ética, na medida em

que rejeita a frustração, a dor e suas manifestações. Para Tânia Zagury (2007), por exemplo,

Antigamente, ninguém deixava por menos. Se a criança trazia para casa um lápis ou uma borracha de um colega, não se aceitava, mesmo que fosse apenas um empréstimo. No dia seguinte, tinha de devolver ao dono. No momento em que se vê triunfar a impunidade, os pais não agem mais assim. Como são amorosos e preocupados — e não querem ver seus filhos por baixo —, ficam em dúvida se devem preservar esses valores com um nível de exigência tão alto. Prevalece a idéia de que as pessoas têm de levar vantagem em tudo. Eles temem que o filho perca os instrumentos necessários para se defender em uma sociedade que privilegia os espertos. Têm a impressão de que ele será o único a agir com ética e sentem medo de que se torne um "bobão". Tornam-se inativos, inseguros. Como consequência, acabam transferindo a responsabilidade da educação moral para os professores.

Yves de La Taille (2001) aponta igualmente nessa direção quando problematiza o conceito de vergonha.

Vergonha é o que sentimos quando nos vemos inferiores a um ideal nosso. Uma pessoa que tem vergonha porque se sente feia valoriza a beleza. A vergonha pode ser moral - de roubar, por exemplo - ou não-moral - de não ter um carro ou se achar feio. Tudo leva a crer que, hoje, a vergonha mais presente é aquela que não é de origem moral. A pessoa tem mais vergonha de se dar mal na vida do que de trapacear um colega. Estamos em uma sociedade mais da glória do que da honra e do auto-respeito.

A sociedade atual cria uma esquizofrenia ética. No discurso do desejo pode-se ouvir os mais ambiciosos ideais éticos como elementos normativos da relação social. Na prática do desejo articula-se a destruição do outro, através da competição, do hedonismo e do egocentrismo. Em tal condição a educação ética é no mínimo uma utopia e uma ilusão de humanidade. Assim, nesse terreno, a ética surge mais como ópio, pois camufla a realidade da barbárie humana atual, dando a falsa impressão de civilização.

Referências

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares nacionais: Terceiro e quarto ciclos; Apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, José Célio; MOREIRA, Virgínia. **Psicopatologia e religiosidade no lugar do outro: uma escuta levinasiana**. Disponível em:

< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722003000200010&script=sci_arttext
> Acesso em: 02 out.2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DELORS, Jacques (Coord.). **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1999.

LA TAILLE, Yves de. Desenvolvimento moral: a polidez segundo as crianças.

Caderno de Pesquisa, nov. 2001, n.114, p.89-119.

_____. **Vergonha, a ferida moral**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

PIAGET, Jean. **O julgamento moral da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

ZAGURY, Tânia. É preciso dizer não! **Revista Nova Escola**. Disponível em:

< http://novaescola.abril.com.br/ed/130_mar00/html/entrevista.htm > Acesso em: 02 out.2007.